

## VIII Congresso Latino-Americano de Pesquisadores da Comunicação

A democracia na América Latina está atravessando um período de dificuldades. Destituições presidenciais, ameaças de golpe de Estado e práticas autoritárias colocam em xeque os governos populares. Somada ao descrédito e à desconfiança geral nas instituições democráticas, esta situação pode levar à derrocada de um dos pilares de sustentação do regime: a governabilidade.

Torna-se inevitável a comunidade científica latino-americana se sentir afetada e instigada a agir. Através do debate, os pesquisadores evidenciam seu envolvimento com as questões políticas e tentam compreender as necessidades da região. Seus estudos e suas ações estão focados na ideologia, na comunicação popular e no papel da cultura na formação social. Dessa forma, se estabelecem relações entre a comunicação e a cultura, o desenvolvimento, a história, a política e outros campos.

Mas é preciso mais. De um lado, desigualdade social, desemprego, intolerância cultural, racismos, separatismos exacerbados. Do outro, o esforço da mídia comercial na tentativa de negar esses conflitos através da sobre-informação e da subinformação.

As idéias citadas acima introduziram o VIII Congresso da Alaic - Associação Latino-americano de Pesquisadores da Comunicação, realizado em parceria com o Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, na cidade de São Leopoldo (RS). O evento teve apoio institucional da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

A palestra inaugural, no dia 19 de julho de 2006, teve como tema “Comunicação e governabilidade na América Latina: cenário e horizontes” e foi ministrada por José Luiz Exeme Rodrigues (Bolívia), autor do livro *Mídiamorfoses: comunicación política y gobernabilidad en la América Latina*. O pesquisador ressaltou que para democratizar a comunicação não basta viver num país de-

mocrático. “Depende dos atores sociais, de cidadãos ativos que exerçam a cidadania de forma integral”. Ele afirmou que o ‘poder’ dos meios de comunicação está mudando o sistema democrático. “As tendências são de que os veículos de comunicação personifiquem, espetacularizem ou institucionalizem a política”.

Exeme acredita que, cada vez mais, os meios de comunicação estão assumindo os papéis de protagonistas na arena política. “Hoje, os veículos assumem sua posição diante do governo. Esta ação política está influenciando as representações empresárias. O monopólio está aumentando com um número crescente de políticos ‘donos da mídia’”, disse. “Precisamos repensar a governabilidade que não se reduz à relação entre Executivo e Legislativo, mas numa globalização alternativa”.

Concluindo sua palestra, o pesquisador deixou alguns temas para serem pensados, tais como os efeitos políticos dos meios de comunicação, as brechas no acesso aos meios, a inclusão da comunicação nas discussões políticas, os impactos que os códigos de ética dos veículos de comunicação devem ter e o potencial de ação comunitária dos veículos. “Os atores sociais organizados podem gerar e produzir suas mensagens”.

No painel da tarde, “Indústrias culturais e governabilidade: crise e perspectivas na América Latina”, os pesquisadores Martín Becerra (Argentina), Dênis de Moraes (Brasil) e Andrés Cañizález (Venezuela) realizaram um debate produtivo.

Martín Becerra mostrou o resultado da pesquisa que desenvolveu com o objetivo de medir a concentração da propriedade dos meios de comunicação na América Latina. “No Brasil, em 2000 havia mais telefone móvel (50%) do que fixo (39%). Há uma concentração de quatro grandes grupos de comunicação. Na Colômbia, os principais grupos são extra-comunicação. Na Argentina, há cruzamento de empresas de telecomunicação e meios. No Chile não há conglomerados. No geral, a América Latina registra altíssimo nível de concentração, com proporções de 40% a 100% de domínio de mercado.”

O pesquisador venezuelano Andrés Cañizález traçou um perfil atual dos veículos de comunicação no seu país. “O espaço da mídia comunitária na Venezuela é insuficiente. Falta continuidade e com-

promisso no Ministério de Comunicação. A governabilidade é precária e as tevês privadas lideram a oposição exercendo o papel de partido político. Boa parte da fortaleza do presidente Hugo Chaves é a mídia. Ele tem grande capacidade de se comunicar e utiliza a rede aberta de tevê para fazer discursos de horas. Não há ética, não há cidadania e não se constrói uma cultura de paz”.

Dênis de Moraes, pesquisador brasileiro, falou da indústria de entretenimento que cresce 6% ao ano, mais do que a economia global, com 5%. “O entretenimento está ocupando um lugar privilegiado. Preocupa o discurso hegemônico cuja lógica é a da mercantilização – o lucro. Até os grandes museus do mundo viraram ‘indústrias de entretenimento’, criaram produtos agregados, angariam fortes patrocinadores e não sobrevivem somente da venda dos ingressos. Há um ineditismo acelerado. Uma solução é colocar as concessionárias sob a ‘rédea’ do interesse público”.

Logo, pensar em mecanismos que colaborem na atual situação da qualidade da televisão no Brasil, que tem comprometido princípios éticos e constitucionais, é a porta de entrada para uma discussão que está tomando corpo e conquistando adeptos, seja por meio da autoregulação observada ou pelo auxílio do *ombudsman* autônomo e que atenda a sociedade, ou por significativas campanhas como a “Quem financia a baixaria é contra a cidadania”, ou, ainda, por uma comissão, que seria um conselho de ética que teria a presença da sociedade civil, da academia especializada no assunto, de políticos interessados nesse engajamento e do próprio Ministério Público e das emissoras de televisão, que teriam o mesmo peso de decisão que esses outros membros. A realidade impõe uma atitude interveniente sobre o reinado descontrolado que as emissoras exercem por suas concessões colocando os telespectadores como escravos de conteúdos que não foram solicitados como bem público.

O segundo dia de congresso foi dedicado aos grupos temáticos, cujos debates foram tão acalorados e enriquecedores quanto os painéis do dia anterior. Houve lançamento de livros e assembléia com os sócios da Alaic. Foram mais de 360 artigos aceitos nos GTs, que se dividiram em: Comunicação Intercultural; Comunicação Organizacional e Relações Públicas; Comunicação para a Mudança Social; Comunicação Política e Meios; Comunicação

Publicitária; Comunicação e Educação; Comunicação e Saúde; Discurso e Comunicação; Economia Política das Comunicações; Estudos de Recepção; Ética e Direito da Comunicação; Folkcomunicação; História da Comunicação; Internet, Sociedade da Informação e Ciberculturas; Meios Comunitários e Cidadania; Meios de Comunicação, Crianças e Adolescentes; Telenovela e Ficção Seriada; Teoria e Metodologia da Pesquisa em Comunicação; Comunicação, Tecnologia e Desenvolvimento; Comunicação e Cidade; Estudos sobre Jornalismo; e Comunicação e Estudos Socioculturais.

No terceiro e último dia de congresso, o painel “Comunicação, Estado e movimentos sociais: alternativas na América Latina” reuniu os pesquisadores Erick Torrico (Bolívia), Ancízar Narváez (Colômbia) e Hernán Reyes (Equador). A discussão ficou em torno do fortalecimento dos movimentos sociais – muitas vezes contraditórios e divergentes – e o papel da universidade na fomentação e sustentação de políticas públicas com o intuito de não ficar só nos ‘conceitos’ mas partir para a ‘prática’. Em seguida, ocorreu uma plenária dos grupos de trabalho e o encerramento.

Sob a presidência do boliviano Erick Torrico Villanueva, da Universidad Andina Simón Bolívar, a Alaic, na 8a. edição de seu congresso, marcou o crescimento do número de pesquisadores, professores e estudantes de comunicação no evento. Foi a terceira vez que o evento se realizou em terras brasileiras. Os congressos anteriores tiveram lugar em: Embu Guaçu (SP), Brasil (1992); Guadalajara, México, 1994; Caracas, Venezuela, 1996; Recife (PE), Brasil, 1998; Santiago, Chile, 2000; Santa Cruz de la Sierra, Bolívia – 2002; La Plata, Argentina – 2004; São Leopoldo (RS), Brasil, 2006.

O próximo encontro da Alaic, intermediário entre os congressos anuais, será em Quito, no Equador, durante o primeiro semestre de 2007, quando ocorre o IV Seminário Latino-Americano de Pesquisadores da Comunicação, com o tema: “Líneas contemporâneas de la investigación comunicacional latinoamericana”.

*Bruna Vieira Guimarães*

*Ingrid Gomes*

Jornalistas formadas pela Universidade Metodista de Piracicaba e mestrandas em Comunicação Social na Universidade Metodista de São Paulo.